

Natal na crise pandémica

Todos os anos é igual — só este é que não

A seguir ao confinamento vem a árvore de Natal? Quem acredita na possibilidade de uma celebração natalícia como sempre, está a ver mal as coisas. A matemática demonstra: as visitas familiares são um risco.

Uma análise de Stefan Schmitt



Os últimos dias de 2020 decidem se 2021 começa com um novo aumento dos casos de coronavírus.

© Katja Kircher/DEEPOL/plainpicture

Uma noite inesquecível. Este ano, esta ideia pode assumir dois significados muito diferentes: pode querer dizer um Natal com o coronavírus em que tudo é muito mais tranquilo do que o costume para a maioria de nós. A verdade é que, durante as Festas, os alemães vão prescindir de visitar até mesmo os familiares e os entes mais próximos e passarão o Natal na própria casa, possivelmente sozinhos. Ou então pode significar um Natal com o coronavírus que, para muitos, será o último da sua vida, por no início de 2021 morrerem com Covid-19, depois de se terem infectado com o Sars-CoV-2 em espaços exíguos e mal ventilados em visitas demasiado prolongadas.

«Estar com os amigos e a família não compensa o risco de nos colocarmos em risco, a nós e aos outros», advertiu no início da semana o director geral da Organização Mundial de Saúde, Tedros Adhanom Ghebreyesus. Nesse mesmo dia, a chanceler alemã tinha demonstrado a sua irritação na direcção da CDU diante das iniciativas isoladas de alguns estados, entre os quais a muito afectada Saxónia, que optou por permitir a estadas privadas em hotéis durante o Natal. E assim entramos no Inverno: com advertências a estes e àqueles para a consciência dos limites na capacidade de encontrar compromissos políticos.

O Natal, o conceito que designa alguns dias de espaço privado lá para o fim do ano, tornou-se num assunto de responsabilidade colectiva. O tipo de noite inesquecível que teremos já depende do conjunto de decisões individuais sobre como serão passadas as Festas.

Por exemplo, o início em parte antecipado das férias escolares proporciona um ganho apenas relativo no que toca à segurança. Mesmo que as pessoas fiquem coerentemente em casa a partir do quarto fim-de-

semana de Advento, até à noite de Natal passada com os avós não terá decorrido sequer metade do período de 14 dias que o Ministério da Saúde recomenda para a quarentena do coronavírus. Evidentemente, também uma manutenção consequente das distâncias, a higiene e a ventilação dos espaços poderão oferecer protecção. Mas será que queremos arriscar a vida do avô em troca?

Este ano, o planeamento das Festas exige uma reflexão sobre riscos que não são claros. Quem quiser compreender a situação e tomar autonomamente uma decisão sensata deve analisar o estado da pandemia e a sua dinâmica até agora.

Voltemos ao Outono. Em Setembro, o número de infectados na Alemanha subiu a olhos vistos, apesar de o seu valor absoluto poder ser enganadoramente baixo. No início do mês, eram pouco mais de mil os casos confirmados (média dos valores diários de sete dias *) — poucos, se compararmos com os valores do pico em Maio, e também poucos comparativamente com os países vizinhos. No entanto, neste tipo de desenvolvimentos, o valor em cada momento assume uma importância secundária, já que conta sobretudo a taxa de crescimento, mas as pessoas são intuitivamente menos sensíveis a isso.

Tal como na lenda do brâmane Sissa ibn Dahir, que leva o tabuleiro de xadrez até ao palácio de um senhor indiano e, como recompensa, exige apenas arroz: um grão na primeira casa do tabuleiro, o dobro na segunda, novamente o dobro na terceira... em pouco tempo, a quantidade de arroz é gigantesca. Este tipo de crescimento que se auto-alimenta caracteriza também as doenças contagiosas, já que cada infectado é um potencial infectador. Durante o mês de Outubro, o número de infecções diárias por coronavírus duplicou aproximadamente a cada dez dias. Esta segunda vaga já ultrapassou de longe a primeira da Primavera.

Quando os presidentes dos governos dos estados e o governo central decidiram em final de Outubro o seu «quebra-vaga do coronavírus», o Instituto Robert Koch já notificava dez vezes mais infecções do que no início de Setembro. Assim se hipotecou o mês de Novembro: é verdade que se conseguiu travar o crescimento, mas a média de novos casos aos sete dias manteve-se mais alta do que no arrasador Outubro — assim, em Novembro, houve mais resultados de teste positivos por *dia* do que em Junho ou Julho por *mês*.

No primeiro fim-de-semana do Advento assinalou-se o ponto intermédio da segunda vaga: o total de pessoas comprovadamente infectadas com Sars-CoV-2 ultrapassou a fasquia do milhão. Apesar do «quebra-vaga», uma em cada duas pessoas foi infectada em Novembro.

O potencial de contágio é mais elevado do que nunca

Esta situação só retardadamente se reflecte no sistema de saúde. Porque passa algum tempo até que as pessoas cheguem com sintomas graves ao hospital, ou possivelmente aos cuidados intensivos, onde são tratadas durante semanas ou, no pior dos cenários, morrem. O risco de sofrer este destino está distribuído de forma muito desigual: até agora, dois terços das pessoas que morreram têm mais 80 anos, apenas uma em cada vinte tinha menos de 60 anos.

Só mantendo em mente estes números podemos avaliar a situação no início do Inverno: o potencial de contágio, mesmo que se desconheça a sua existência, é mais alto do que nunca nesta pandemia. O prolongamento das regras que visam quebrar a vaga para as três primeiras semanas de Dezembro e o seu agravamento parcial poderão prevenir que aconteça o pior, o nível de novos casos parece estar, embora apenas lentamente, a descer. Em todo o caso, os números continuam demasiado elevados para permitirem um rastreamento sem falhas.

Mas não nos podemos esquecer: enquanto não estiverem disponíveis grandes quantidades de vacina, o lema de proa no combate à pandemia continua a ser «testar e rastrear». A grande referência definida para determinar quanto tempo as autoridades de saúde conseguem rastrear os contágios é o valor de 50 novas infecções por cada 100 000 habitantes no período de uma semana («incidência a sete dias»). Actualmente,

apenas duas dúzias de 401 cidades e municípios alemães estão ainda abaixo deste limiar — e metade destes apresenta um valor mais de duas vezes superior.

E quando as autoridades de saúde deixam de conseguir andar atrás de nós, os cidadãos deixam de poder confiar que, em caso de dúvida, serão rapidamente contactados: «Cuidado, uma pessoa positiva para o coronavírus indicou que esteve em contacto próximo consigo!». Quando uma infecção ocorre, já há muito que deixou de poder ser detectada na maioria das pessoas.

Para cada um de nós, individualmente, esta incerteza colectiva significa: temos de contar com a possibilidade de, em qualquer lugar, nos cruzarmos com pessoas infectadas que não fazem ideia de que o estão.

Contudo, para o período natalício, em muitos estados alemães, deverão ser relaxadas as restrições de contacto, ou assim era à hora do fecho da redacção, pelo que serão permitidos encontros privados de até dez, em vez de cinco, pessoas (sem contar com crianças até aos 14 anos) e a título particular as pessoas poderão pernoitar em hotéis aquando da visita à família. Politicamente, esta flexibilização era provavelmente incontornável, mas já desde Outubro pairava no ar o sugestivo rumor de que era preciso um «quebra-vaga» para podermos celebrar o Natal. Mas é também um convite ao risco. Por isso, antes de cada encontro — especialmente com familiares idosos — coloca-se sempre a questão do que fazer para não nos colocarmos mutuamente em risco. Num inquérito representativo realizado no final de Novembro, a Infratest dimap quis saber dos cidadãos se estes «iriam limitar os contactos com família e as visitas no período do Natal». Cerca de metade indicou querer limitar «extremamente» ou «muito», a outra metade «não muito» ou «nada». O seu comportamento decide quanto ao tipo de noite inesquecível que 2020 nos trará.

O Advento esconde uma simultaneidade paradoxal. Está ainda impregnado dos números recorde de Novembro. As próximas semanas mostrar-nos-ão até que ponto estes agravarão a situação nos hospitais. Neste momento, o número de óbitos está já claramente acima do número máximo da primeira vaga, com tendência para subir. Ao mesmo tempo, o problema é de longe o mês de Janeiro. Os últimos dias de 2020 decidirão se 2021 começa com um novo aumento. Se se revelar uma dinâmica ao estilo da de Outubro, seguir-se-á o debate sobre medidas de confinamento mais duras.

Em última análise, esta é uma exigência que se faz a cada cidadão responsável no sentido de não fazer tudo o que até lhe possa ser permitido.

** Devido às fortes oscilações ao longo da semana, os dados neste artigo baseiam-se na média a sete dias.*

Artigo original: https://www.zeit.de/2020/50/weihnachten-corona-krise-familienbesuch-infektionen-risiko/komplettansicht?utm_source=Krautreporter+Newsletter&utm_campaign=275c657592-Morgenpost_2020_12_07&utm_medium=email&utm_term=0_9ed711293a-275c657592-219881577